

## VESPAS AMERICANAS – 2

Voem, voem, minhas vespas! Há tempos já que vos conservo escondidas e tranquilas. É preciso voar, correr, picar, e depois voltar de novo ao vosso asilo, para sair a novas empresas para a semana seguinte!



Então o governo crê na Providência? Não crê? É católico? Não é? Tais foram as dúvidas que se discutiram ultimamente no senado, a propósito da resposta à fala do trono.

Para provar que o governo não crê na Providência, veio a livraria abaixo, citaram-se exemplos, comparações e invectivas, tudo por parte da oposição.

Para provar que o governo crê na Providência, veio igualmente a livraria abaixo, citou-se a Baviera, a Bélgica, a França, não sei se Tomboncton também, tudo por parte do ministério.

E, no fim de contas, ficou o país entre as duas opiniões, inclinado a crer que não crê, quando ouvia a oposição; inclinado a crer que crê, quando ouvia o ministério.

Tal é o jogo deste sistema parlamentar, onde a palavra vem sempre a pelo para alterar, disfarçar, contrariar os fatos, raras vezes para confirmá-los.

Ouvindo aquela discussão (pueril no fundo, como as cousas mais pueris) lembrei-me de um país, fantasiado por um escritor, onde dois jornais, um oposicionista, outro governista, diziam uma certa manhã:

O oposicionista:

“Até quando estaremos debaixo desta tirania feroz? Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas! Continuaremos a sofrer semelhante jugo?”

O governista:

“Cada dia nos cabe um benefício do céu, com o príncipe que temos. Ainda ontem o príncipe comeu ervilhas.”

\*

\* \*

Pede-se o conceito da charada, que, sob a forma de discurso, pronunciou o Sr. Ferraz há alguns dias, e veio esta semana impresso no *Mercantil*.

Falei, nas últimas *Vespas*, no silêncio que conservava o Sr. Ferraz. Não podia explicar a mim mesmo aquele silêncio. Agora achei.

Tive um dia um pintassilgo, que me haviam dado de presente. Cantava que era um gosto. Mas, certo dia, deixou de cantar e ficou jururu.

Debalde lhe dava pão de ló e vinho; era inútil. O passarinho não cantava. Entristeci.

Um dia de manhã, fui despertado por um trinado alegre e vivo, mas um pouco hesitante e embrulhado. Corro à gaiola. Era o pintassilgo que cantava. Alegrei-me como nunca.

Indaguei a causa disto, e então explicaram-me que os pássaros, quando estão na muda das penas, ficam mudos e só cantam depois de terem completamente adquirido penas novas. – *Apliquen el cuento!*



Eis o aviso que acompanha o anúncio do teatro de S. Pedro, recentemente reformado:

“Ninguém poderá entrar para as cadeiras superiores sem estar decentemente vestido e sem paletó branco e chapéu baixo ou do Chile; assim também para os lugares inferiores não serão admitidas pessoas sem gravata, ou com roupas que ofendam a dignidade do lugar.”

É justo tudo isto, menos num ponto. Tenho um amigo que anda elegantemente vestido, graças a uma fortuna muito regular, que possui. É rapaz da melhor roda e perfeitamente conhecedor dos estilos da civilidade. Todavia, tem ele um gosto, que pode ser discutido, mas que é um gosto: usa chapéu do Chile, do preço de 55\$000 rs. Pergunta-se: este amigo não poderá entrar nas cadeiras superiores, só por causa de usar de um chapéu do Chile, que, aliás, vale por cinco destes canudos de pelo, que se chamam chapéus, e que podem entrar nas cadeiras superiores?

Ainda mais:

Tenho outro amigo, que só frequenta cadeiras superiores nos teatros, mas que, pela sua posição não usa paletó branco e chapéu baixo. Pergunta-se: estará privado de ir às cadeiras superiores do teatro de S. Pedro?

Era melhor que a direção do teatro não tivesse entrado em tais minuciosidades, e apenas anunciasse que para as cadeiras superiores entravam somente as pessoas decentemente vestidas.

Assim evitava todas estas hipóteses absurdas.

Gil [Machado de Assis].

[*Semana Ilustrada*, 19 jun. 1864, p. 1471.]

Editor: Ivo Korytowski